

O DESENVOLVIMENTO DA ESTÉTICA NA HISTÓRIA HUMANA

Emanuely Leticia das Mercês Silva

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB), no Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica (NEB) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Pedagogia (UFPA). Integrante do Grupo de Pesquisa em Filosofia, Ética e Educação (GPFEE – UFPA)

1 | INTRODUÇÃO

Certamente muitos de nós já ouvimos falar sobre o termo “estética” e com certeza possuímos nossas concepções a respeito deste. Foi pensando nisso que se iniciou este trabalho fazendo uma breve pesquisa, a estímulo de curiosidade, no qual foi questionado a um pequeno grupo de pessoas aleatórias o que elas entendem por estética. Dentre os conceitos manifestados, os mais comuns foram os relacionados ao belo. É interessante observar que todos os participantes associaram estética à beleza. Tecnicamente não estão errados, pois, realmente, o belo

é uma das múltiplas dimensões que a teoria filosófica da estética detém. Destaque para a resposta em que foi dito: “Quando fala estética para mim, é beleza. Cuidado. É autoestima... renovação”. Outro significado veementemente disseminado entre o grupo foi acerca da vaidade, o qual foi expresso na seguinte fala: “Estética são as clínicas de beleza que cuidam de nós, da nossa autoestima. São procedimentos ligados à vaidade”.

Posteriormente, uma resposta entre os participantes se diferiu das demais, mesmo que ainda haja associação da estética ao belo, porém, sobre novos adjetivos. Foi esta: “Acredito que estética tem a ver com organização. Tipo um som de uma banda. Os músicos têm que estar em sincronia e organizados. O estilo dela tem que possuir uma estética por trás. Acho que é o que falam de esteticamente bonito”. Considerando que a música é uma das muitas formas de expressão artística, essa resposta, mesmo que sem a real intenção, visto que em princípio o pensamento foi o de organização, nos

levou ao conceito mais comum da estética, que é o da arte. Consistindo-se a arte em um dos principais meios de desenvolvimento dos indivíduos mediante seu poder de ampliação do Capital Social e Capital Cultural¹ humano, começamos aqui estabelecer a relação entre estética e o processo formativo e educativo dos indivíduos.

Do saber comum ao conhecimento específico, de fato, a estética se relaciona etimologicamente com todas as definições citadas acima. Entretanto, convém atentar que o pensamento estético está para além do *status quo* que sempre a associaram à beleza física dos corpos. Em se tratando da educação, por exemplo, a estética tem muito a nos dizer e a contribuir. Os pensamentos acerca da estética sempre estiveram presentes na história da filosofia e a posteriori, na filosofia da educação e história da educação. A origem do termo estética vem do grego “*aisthesis*” que denota “sentir”, “sensações” ou “perceber”.

Os gregos na antiguidade compreendiam que perante a capacidade de sentir poderíamos despertar nosso “mundo sensível”, ou seja, nossa percepção da natureza e da relação que estabelecemos com ela. Para eles, esse despertar das percepções humanas sobre os fenômenos do mundo externo só aconteceria por meio da sensibilidade estética que pode vir a ser despertada nos sujeitos. Logo, naquelas pessoas em que a percepção e a sensibilidade são estimuladas, irão dispor de maior autonomia na compreensão das coisas e dos fenômenos sociais, diferentemente daquelas que não possuem tal estímulo. Essa possibilidade já depõe a favor da importância deste estudo, sobretudo relacionando-o à educação e a filosofia.

Dessa forma, faz-se relevante a pesquisa sobre o tema, em consequência de a estética possuir inúmeras concepções que podem nos conceder um leque de perspectivas na construção do conhecimento. A estética nos leva a pensar de forma crítica e reflexiva os fatos e acontecimentos sociais, desenvolvendo uma precisão na visão de interpretar, avaliar e agir criticamente no contexto histórico-cultural, político e científico em que estamos inseridos socialmente.

Destaca-se a importância do Grupo de Pesquisas em Filosofia, Ética e Educação – GPFEE/UFGA no desenvolvimento desta pesquisa. Na qualidade de grupo de estudos e pesquisas em Filosofia que tem como principal objetivo a produção do conhecimento em Filosofia da Educação e de tudo que a envolve, inclusive a formação humana, compreende-se que a estética e as demais linhas de investigação do grupo são indissociáveis, sendo esta última, uma fonte rica de elementos e possibilidades na construção do conhecimento que o grupo produz, dispõe e socializa.

Tem-se conhecimento que a estética possui vasta dimensão acerca de seus significados e conceitos. Apesar de quase sempre relacionada ao belo das aparências corpóreas, falar sobre a história da estética em educação requer aprofundar concepções

¹ Sugiro a leitura de “Les trois états du capital culturel” de Pierre Bourdieu, publicado originalmente in Actes de la recherche en sciences sociales, Paris, n. 30, novembro de 1979, p. 3-6 para compreender a concepção de Capital Social e Capital Cultural.

que se iniciam desde as civilizações antigas e seus filósofos à sua própria relação com a filosofia. Ao longo dos séculos, os conceitos atribuídos à estética foram se desenvolvendo e ganhando inúmeros elementos. No tradicional dicionário de filosofia, obra do renomado filósofo italiano Nicola Abbagnano (1901 – 1990), a estética aparece no espaço de cinco páginas e meia sendo concebida na qualidade de “ciência da arte e do belo” e outros significados. Aqui ainda se separa arte e belo, pois na filosofia antiga essas duas manifestações eram tidas independentes uma da outra, característica que só começa a mudar com o início da filosofia moderna, em que ambas começam a ser associadas.

O significado de estética é apresentado sob as concepções de importantes filósofos no dicionário. Platão (427 a.C – 348 a.C.) considerava o belo como uma “manifestação das ideias”, isto é, a materialização dos valores sociais humanos. Diferentemente do belo, a arte para Platão segundo Abbagnano (2007, p.367), é a “imitação das coisas sensíveis ou dos acontecimentos que se desenrolam no mundo sensível” e se consiste na imitação de um mundo aparente. Já em Aristóteles (384 a.C – 322 a.C.) a estética começou a se desenvolver de maneira mais ampla, pois este, por meio de obras como “Poética” (335 a.C – 323 a.C.) construiu reflexões acerca da arte e do belo no campo estético e foi um dos grandes responsáveis por introduzir outras dimensões nesta tendência, como: a poesia, a literatura, a percepção, imaginação, intuição, formas, raciocínio, entre outros conceitos. Em Plotino (205 d.C – 270 d.C.) a estética aparece na perspectiva da arte, em que este a compreende enquanto contemplação das regiões específicas de cada objeto presente na natureza, possibilitando a estética perceber tais subjetividades.

Perante o exposto, podemos notar a maneira com que a estética veio se configurando ao longo da história. Antes mesmo de ser concebida na qualidade de ciência ou disciplina teórica, os princípios estéticos já estavam presentes na antiguidade, bem como no período pré-histórico como veremos no decorrer deste estudo. Percebe-se que mesmo discutindo sobre significados semelhantes da estética até aqui, como os de belo e da arte, os pensamentos acerca destes, possuem características próprias nas reflexões de cada filósofo da época, o que faz com que a estética disponha de uma grande diversidade conceitual tal qual a educação. Apesar de apresentar noções e princípios desde tais períodos, a estética foi cunhada enquanto disciplina somente por volta do século XVIII. Em seu livro denominado “*Aesthetica*” de 1750, o filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714 – 1762) é considerado o criador da estética científica.

Salienta-se que esta pesquisa não possui pretensão de discutir a estética científica de Baumgarten (quem sabe em outro estudo), mas sim realizar discussões e reflexões acerca do desenvolvimento do pensamento estético na história, enfatizando seu despertar no período considerado pré-história, bem as origens e elementos de natureza estética que surgiram na civilização grega durante a antiguidade e que influenciaram não somente Baumgarten, mas inúmeras outras concepções sobre a estética no mundo todo. A partir disso que se formulou a questão central desse estudo que é: Como a estética se desenvolve

na história humana? Tendo como questões norteadoras: Que noções e princípios norteiam as origens da estética na história? Quais concepções filosóficas contribuíram na construção do pensamento estético?

O objetivo principal desta pesquisa busca compreender o desenvolvimento histórico da estética e algumas mudanças que ocorreram nesta tendência filosófica ao longo do tempo. E os objetivos específicos são: Refletir sobre as noções e princípios que norteiam as origens da estética; Discutir sobre as concepções filosóficas que contribuíram na construção do pensamento estético. Para responder essas indagações e alcançar seus objetivos, o trabalho possui referencial teórico em alguns autores que discutem o tema e ajudaram a sedimentá-lo, os principais são: Abbagnano (2007), Bayer (1993), Chaui (2000) e Platão (1980).

A metodologia da pesquisa possui abordagem qualitativa, uma vez que essa abordagem possibilita realizar discussões, análises e reflexões de maneira mais consistente da realidade do objeto de estudo. Segundo Chizzotti (2003, p.222), “Diferentes orientações filosóficas e tendências epistemológicas inscrevem-se como direções de pesquisa, sob o abrigo qualitativo, advogando os mais variados métodos de pesquisa [...]”. Se utilizou como técnica a pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2008, p.50) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” Foi realizado um levantamento nas plataformas “Google Acadêmico” (<https://scholar.google.com.br/?hl=pt>) e no catálogo online da biblioteca central da Universidade Federal do Pará – UFPA (<http://bc.ufpa.br/>) de produções que discutem a temática. Foram encontrados alguns artigos e livros em ambas as plataformas, em que se optou pela escolha de obras que abordam questões específicas sobre a estética e sua relação com a filosofia, história e educação.

A estrutura do trabalho contém: introdução, duas seções em seu desenvolvimento e conclusão. Na introdução é apresentado o tema, as relevâncias e problemáticas acerca deste, juntamente com a metodologia da pesquisa e os objetivos que se pretendeu atingir. Na primeira seção se realizou um estudo a respeito de como a estética se desenvolveu ao longo da história, as noções e princípios que norteiam suas origens no período considerado pré-histórico, bem como na civilização grega no período antigo. Na segunda seção se fez algumas reflexões e análises sobre as concepções filosóficas que contribuíram na construção do pensamento estético, com ênfase na concepção dos filósofos Platão e Aristóteles, considerados importantes neste processo. Na conclusão se retomou alguns pontos relevantes sobre o tema e se enfatizou algumas reflexões e análises realizadas na pesquisa.

2 | O DESPERTAR DA ESTÉTICA NA PRÉ-HISTÓRIA E O PRINCÍPIO ESTÉTICO GREGO

Apesar de ser cunhada etimologicamente como “estética” somente no século XVIII, pelo então filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714 – 1762), é sabido que para se entender as origens da estética enquanto uma tendência da filosofia e as transformações por ela sofridas, requer pensar em conceitos estéticos que já se faziam presentes desde as civilizações antigas, como na Grécia, e também no período considerado pré-histórico da história.

Sabe-se que há inúmeras concepções e teóricos que compreendem a época considerada pré-histórica como desprovida de qualquer conhecimento, tecnologia, organização ou cultura, utilizando-se muitas das vezes da expressão “a-histórico”, ou seja, que não existiu ou existe uma história para se explicar os acontecimentos ocorridos neste período. Talvez um dos maiores exemplos que temos acerca disso é o surgimento da “História Científica”² com o advento da concepção positivista no século XIX, que de acordo com Reis (1996, p.5),

As filosofias da história racionalistas e metafísicas perdem suas sustentações metafísicas e, sem elas, não significam mais nada. A partir de então, só se quis conhecer as relações de causa e efeito, expressas de forma matemática. É a isto que chamavam “conhecimento positivo”: “observar os fatos, constatar suas relações, servir-se delas para a ciência aplicada” (apud LEFEBVRE, 1971, p. 31).

Apesar da busca incessante de reconhecer a história por meio de tempos cronológicos ou apenas como sequência de fatos, e da pretensão da história científica em projetar seu espírito e concepções exclusivamente objetivas a essa ciência, se tem conhecimento que o período pré-histórico configura-se em um grande campo de subjetividades, de manifestações culturais e construção de relações sociais que estão para além das neutralidades paradoxais que foram e que ainda são empregadas a este período ao longo de séculos, no qual o concebem isento de sociedades ativas e organizadas. Embora anterior ao aparecimento da escrita formal, este período detinha suas próprias estruturas, classes, códigos, símbolos e modo de viver, da mesma forma que produziam tecnologias, arte, cultura, dentre as mais diversas linguagens sociais específicas.

Constata-se em inúmeros estudos e pesquisas que a partir do surgimento do primeiro antropeide, que foi uma espécie de macaco semelhante aos homens, as comunidades pré-históricas se modificaram. Essas espécies viviam em árvores e por conta da rotina de sobe e desce dessas árvores, compreende-se que seus hábitos foram sofrendo significativas mudanças e elas começaram adquirir comportamentos diferentes dos demais animais. Se

2 A História Científica se fundamenta sobre as bases empíricas do positivismo. Os historiadores buscaram se desprender da filosofia metafísica, em que não se teria mais influência pela “Filosofia da História”, mas por uma “Ciência da História”. Neste momento, não se queria mais consubstanciar ou idealizar tempo, presente, passado e futuro, mas diferenciar as dimensões objetivas destes.

antes utilizavam as mãos e os pés para caminhar, com o tempo, os antropóides passaram a utilizar somente os pés. Dessa forma, começaram a desempenhar e adotar funções diferenciadas de outras espécies como, por exemplo, assumir a postura ereta. De acordo com Aieta, Aquino e Moura (1985, p. 4), “Suas mãos adaptavam-se as novas funções à medida que iam surgindo, a partir das necessidades encontradas no convívio com a natureza.” Assim sendo, essas novas características adquiridas em seu desenvolvimento foram transpassadas entre os grupos de famílias, sendo essas funções cada vez mais aperfeiçoadas com o tempo.

À vista disso, os homens primitivos foram desenvolvendo suas faculdades humanas e passaram a se organizar e constituir-se conforme seus interesses, que em princípio, eram direcionados pelo instinto de sobrevivência e pela maneira com que se buscava adaptar-se ao meio natural. Desde então, os homens criaram técnicas de produção de alimentos, de materiais e utensílios, descobriram o fogo por meio do atrito entre as pedras, organizaram e delegaram funções entre eles, começando assim, a dominar alguns aspectos da natureza. A partir dessas transformações, as organizações na sociedade pré-histórica se tornaram bem mais específicas e complexas.

É possível notar que as primeiras criações resultantes deste período ocorreram por meio da necessidade que os indivíduos tinham em se adaptar às mudanças ocorridas em seus respectivos modelos de organizações. E se houve necessidade, eminentemente houve o despertar dos instintos do homem primitivo, que precisou construir mecanismos de sobrevivência para conviver bem em meio a tantas transformações. Talvez uma das mais claras expressões desse despertar dos sentidos do homem pré-histórico tenha sido a criação dos ritos. Os ritos eram a maneira que os homens se auxiliavam para tentar dominar particularidades que ainda eram desconhecidas para eles, principalmente aquelas relacionadas às condições do clima. Segundo Aieta, Aquino e Moura (1985) os ritos buscavam,

[...] favorecer a caça, trazer chuvas e condições climáticas propícias às plantações. Foram os ritos mágicos que deram início às primeiras manifestações artísticas desenhadas e pintadas nas paredes das cavernas com carvão, tintas minerais e vegetais, representando o seu dia a dia. Também pintavam imagens femininas simbolizando a fecundidade da Natureza: assim como as crianças nascem das mulheres, plantas e frutos nascem da Mãe-Natureza. (AIETA, AQUINO E MOURA, 1985, p.8).

Partindo desse pressuposto, seja com a criação dos ritos, com a descoberta do fogo ou com a produção de utensílios e demais instrumentos técnicos, o sentimento e a percepção do homem se manifestou na pré-história. Como bem explicita Ponty (2014), os primeiros desenhos e expressões do homem nas paredes das cavernas só se fundavam e constituíam-se em tradição, pois recolhia outra: a da percepção. Mesmo que de maneira utilitária em início, foi este saber instintivo e esta manifestação perceptiva que os gregos mais tarde internalizaram e conceberam como um conhecimento sensível, criando e

atribuindo novas denominações, dimensões e concepções para explicá-lo a partir de reflexões da estética, bem como de outros campos do conhecimento filosófico.

O filósofo Raymond Bayer (1898 – 1959) em seu livro “História da Estética” afirma que não há autores estéticos na pré-história, mas que havia “a mentalidade e a sensibilidade dos homens” que mesmo de maneira inconsciente inicialmente, tiveram seus sentidos estéticos ativados, trazendo consigo inclusive, fundamentos da arte e da cultura como podemos ver na prática dos ritos. Segundo Bayer (1993, p.15), “o homem começou provavelmente por utilizar a madeira, depois a pedra bruta e serviu-se dela para flechas, massas, machados. Modificou pouco a pouco os instrumentos que a natureza lhe fornecia e aperfeiçoou utensílios de precisão relativamente assinalável”, evidenciando que, apesar da maneira involuntária, a estética já estava presente nas constituições e manifestações dos modelos de sociedades durante este período.

Como podemos constatar, a época considerada pré-histórica de nossa história está para além da concepção positivista e objetiva com que muitos ainda buscam designá-la. Muito pelo contrário, este período possui subjetividades que não só fizeram parte exclusivamente dele, mas como se sabe, influenciaram nosso modo de viver em sociedade ao longo da história. Correspondendo ao desenvolvimento das espécies, as primeiras criações de objetos e modelos de organizações sociais, econômicas e culturais e principalmente, no despertar dos instintos dos homens primitivos, tivemos as primeiras transformações e progressos da humanidade durante este período. Inicialmente, por meio de um saber que ainda era instintivo, ou como vão preferir caracterizar os gregos posteriormente: um conhecimento que era sensível. E se era sensível, também era estético.

Este conhecimento era estético, pois na civilização grega o “sentir” estava relacionado principalmente com as sensações que temos diante da interação que possuímos com a natureza e com o convívio em sociedade. Segundo os gregos, tais sensações são provocadas a partir do momento que estamos em contato com inúmeros fenômenos sociais presentes em nossa volta e que são substancialmente construídos por nós, como por exemplo, as interações entre diferentes culturas, o sentimento que temos ao vivenciar determinadas situações como, ao ouvir determinada canção, visualizar uma paisagem do cotidiano, apreciar uma obra de arte ou um espetáculo artístico, dentre tantas outras. Ou seja, como podemos verificar, o significado da estética se relaciona intimamente com o fato de existirmos socialmente.

O “sentir” advém também de movimentos que podem ser considerados concretos, como o fato de sentirmos frio ou calor em determinados momentos, a forma como percebemos cores, sons e efeitos, como sentimos dores, tristezas ou alegrias, entre inúmeras outras situações que provocamos e que nos são provocadas durante a vida. Este pensamento pode ser evidenciado na concepção do filósofo grego Demócrito (460 a.C. – 370 a.C.), que mesmo com noções consideradas ainda mecânicas para explicar a realidade por meio dos átomos, este filósofo concebia os átomos de diferentes formas

e aspectos, sendo perceptivos somente por meio dos sentidos. Para este pensador, os átomos eram conjuntos de combinações e texturas, e só poderíamos captar seus sabores, cores, tamanhos, efeitos ou sentir prazeres e desprazeres diante deles, por intermédio de nossos sentidos. Ou seja, para este filósofo, só podemos perceber os átomos (as realidades) e tudo que o envolve, através dos sentidos.

A concepção aristotélica acerca do saber é muito semelhante com a ideia defendida por Demócrito sobre a realidade. Em *“Metafísica”*, tratado do século IV a.C, Aristóteles afirma que nós, por natureza, temos o desejo de conhecer, e o princípio desse conhecimento advém dos prazeres que nos são causados mediante as nossas sensações, mesmo que elas sozinhas não sejam capazes de conceber o saber por completo, podem inicialmente fazer com que compreendemos e interpretemos a realidade em que vivemos.

Diante disso, toda e qualquer interação do indivíduo na natureza desperta neste, diversas sensações, instintos, emoções, bem como impulsiona suas percepções e o modo com que ele irá perceber as realidades e o mundo, podendo tais sensações e percepções ser boas ou ruins, agradáveis ou não. De acordo com Chauí (2000, p.141) “Para os gregos, a realidade é a Natureza e dela fazem parte os humanos e as instituições humanas. Por sua participação na Natureza, os humanos podem conhecê-la, pois são feitos dos mesmos elementos que ela e participam da mesma inteligência que a habita e dirige”. Logo, na civilização grega todo o processo de participação na sociedade não se limitava apenas nas noções de saber ou de conhecer, mas principalmente, na maneira com que se despertava a consciência humana para isso, inicialmente, a partir dos sentidos, o que se caracteriza em uma ação estética.

Este conceito de “sentir” designado aos gregos na antiguidade é o que o filósofo alemão Karl Marx (1818 – 1883) veio exemplificar na prática em seus estudos muitos séculos depois por meio da sua concepção de natureza histórica e social do ser, quando afirma que as nossas faculdades humanas só podem ser desenvolvidas a partir da apropriação que temos de objetos que são construídos historicamente pelos seres humanos em sociedade. De acordo com Marx (1962),

Todas as suas relações com o mundo – ver, ouvir, cheirar, saborear, pensar, observar, sentir, desejar, agir, amar – em suma, todos os órgãos da sua individualidade, como órgãos que são de forma diretamente comunal, são, em sua ação objetiva (sua ação com relação ao objeto) a apropriação desse objeto, a apropriação da realidade humana. (MARX, 1962, p. 126).

Portanto, se para Marx este processo de relação e apropriação do objeto responsável por construir e desenvolver nossas qualidades humanas é denominado de natureza histórica e social do ser, na sociedade da Grécia Antiga esta concepção era concebida também enquanto um ato estético. Inúmeros já foram os questionamentos acerca dos limites dos princípios estéticos para o saber exclusivamente racional, objetivo e sistemático por conta de seus elementos pautados inicialmente nas subjetividades do sentir, do sensível e da

percepção e que, segundo alguns estudiosos, são princípios que não possuem o caráter e o rigor do método científico conforme outras áreas do conhecimento tais quais, as ciências da natureza e as ciências exatas.

Ante a isto, para muitos deva parecer inusitada e até estranha a contextualização realizada anteriormente com o pensamento marxista de natureza histórica e social do ser, visto que Karl Marx foi um pensador que desenvolveu seus estudos a partir das contradições das realidades sociais na prática, na concretude e na aplicação de seu método materialista histórico-dialético. Todavia, esta associação só seria inusitada caso a estética, assim como a sociedade e os seres humanos não tivessem se desenvolvido e sofrido com significativas transformações em sua estrutura, natureza e dimensões ao longo da história. Na seção seguinte, entenderemos melhor essas transformações sofridas pela estética pré-histórica a partir do advento da sociedade grega.

3 | A ESTÉTICA GREGA SOB AS LUZES DE PLATÃO E ARISTÓTELES

As práticas a respeito dos instintos, das percepções, formas de organizações, cultura e fundamentos artísticos dentre outros elementos sociais da comunidade pré-histórica se perpetuaram na história entre as civilizações posteriores. Porém, foi na Grécia Antiga que a internalização dessas práticas originou os primeiros estudos significativos sobre a estética mediante pensamentos e concepções de grandes filósofos, com destaque para dois deles: Platão e Aristóteles. É na Grécia Antiga que os saberes e ações advindos do período anterior se tornaram o berço da construção de muitas áreas do conhecimento e também sobre a estética.

Tal qual já salientado neste estudo, a civilização grega é responsável pela criação do termo estética. A etimologia da palavra é oriunda da expressão *“aisthesis”* de origem grega. Seu significado nos remete as características muito semelhantes aquelas já existentes no período da pré-história, como podemos verificar em algumas fontes de pesquisas. Segundo o “Dicionário de Filosofia” (2007), obra de Nicola Abbagnano (1901 – 1990), *“aisthesis”* quer dizer, “sensações” ou aquilo que é percebido pelos sentidos. Podemos encontrar denominação parecida também no “Dicionário Básico de Filosofia” (2001) obra de Hilton Japiassú (1934 – 2015) e Danilo Marcondes em que a definição de estética aparece a partir de duas palavras: “perceber” e “sentir”.

Se os resquícios instintivos acerca do “sentir” e da “percepção” pré-histórica se reverberou entre os gregos, eles também o souberam modificar e conferir novos significados a estes. Como vimos anteriormente, os homens primitivos tiveram suas mentalidades estéticas despertadas de forma involuntária e com princípios utilitários, por meio da necessidade de se adaptar às mudanças que a natureza vinha sofrendo. Já na sociedade grega este movimento foi o oposto, e ocorreu de maneira consciente e intencional. Os gregos ressignificaram a natureza primeira da estética desenvolvendo dimensões heterogêneas e

construindo uma sucessão de conceitos e elementos que influenciaram e ainda influenciam sociedades do mundo todo. Segundo Silva (2017, p.29), “Os gregos, com sua inexplicável sabedoria, conseguiram perceber que na formação humana, mais que um mero auxílio, é indispensável o concurso da dimensão estética [...]”.

Pode-se dizer que em se tratando da estética, a civilização grega se configura enquanto apogeu de origem dessa tendência filosófica e principalmente, de influência e disseminação acerca de seus estudos e pensamentos na história. Os filósofos gregos instituíram um leque de conceitos para a compreensão da estética, atribuindo-lhe novos campos de experiências e saberes. A estética passou a ser concebida na qualidade de “Filosofia ou Ciência da Arte e do Belo”, sendo empregados em seus fundamentos reflexivos e teóricos diversos princípios básicos como: da “Poesia”, da “Literatura”, “do Teatro”, da “Musicalidade” da “Dança” da “Sensibilidade”, de “Percepção”, “de Afetividade”, dentre outros, tendo na arte e no belo, os principais campos de estudos desses fundamentos.

Claro que as características advindas da época pré-história, na qual as organizações sociais, culturais, artísticas e econômicas surgiram mediante noções iniciais constituídas com viés funcional, predominaram nas epistemologias de alguns pensadores gregos, bem como em épocas posteriores a eles. Um dos grandes exemplos que temos acerca disso, é o do filósofo clássico Sócrates (469 a.C – 399 a.C.), que mesmo tendo inicialmente suas reflexões já sedimentadas na concepção estética do belo, entendia que este não poderia existir sem estar associado ao útil. Bayer (1993) evidencia que,

Para Sócrates, é belo o que é útil e só o é enquanto útil. Assim, um adolescente que dança é mais belo, pois a ginástica é útil ao seu corpo, do que aquele que está em repouso. Sócrates leva a sua doutrina ao extremo; para ele, até as coisas feias podem ser belas se forem úteis, e aqui é obrigado a contradizer-se - os meus olhos são feios, mas podem olhar de tudo, logo são mais vivos e móveis, logo mais belos. (BAYER, 1993, p.35).

Quando Sócrates projeta sua concepção sobre o belo ele intensifica o fator utilitário e funcionalista, afirmando que o útil e o benéfico são preceitos ideais de normas e valores sociais, uma clarividência da forte influência decorrente do período pré-histórico. A compreensão do pensamento socrático acerca da arte não é muito diferente. Para Sócrates, a arte está para além de cores e formas, necessita expressar conteúdos, representar objetos claros e que de certa maneira, tenham um fim social e moral para os sujeitos. Bayer (1993, p.35) afirma que, “Sócrates é, portanto o chefe da beleza antiformalista, partidário do conteúdo, e a sua estética utilitária torna-se para ele uma espécie de lógica sem espontaneidade”. Apesar da influência socrática na história grega, o pensamento estético se desenvolveu significativamente sobre a pena de dois outros importantes filósofos, que construíram concepções sobre a estética e tiveram grandes contribuições no percurso desta, são eles: Platão e Aristóteles, que estão entre os pensadores mais influentes acerca das reflexões filosóficas no que se refere aos conceitos de arte, do belo, da percepção,

sensibilidade e tudo que envolve os objetos de estudo da estética na Grécia Antiga.

Recorrendo a diálogos entre o belo e a arte, é possível dizer que Platão (427 a.C – 348 a.C.) foi um dos precursores na construção do desenvolvimento da estética na antiguidade. A filosofia platônica entende que existem pelo menos duas formas de conhecimento: o sensível e o inteligível. E é a partir dessas concepções que Platão constrói suas reflexões sobre as dimensões estéticas da arte e do belo. O saber sensível é pautado nas crenças, nas opiniões e suposições dos seres, diferentemente do conhecimento intelectual, que é constituído pelo raciocínio, lógica e intuição. Desse modo, Platão considera que somente o conhecimento inteligível é capaz de conhecer o ser e as verdades da natureza, enquanto o saber sensível se configura somente nas aparências dos objetos.

Dessa maneira, para este filósofo, quase todas as artes estão situadas no saber sensível e representam as aparências das coisas reais, isto é, as imitações. Ao construir significados sobre a arte, Platão é considerado por muitos como o primeiro a pensar sobre ela. As suas ideias acerca dessa linguagem eram definidas por meio da *Mimésis*³. Já a instância do belo é empregada ao conhecimento intelectual e integra as ideias verdadeiras da realidade, ou seja, se institui na essência das coisas e dos seres. De acordo com Abbagnano (2007),

Assim, para Platão, o belo é a manifestação evidente das ideias (isto é, dos valores), sendo, por isso, a via de acesso mais fácil e óbvia a tais valores, ao passo que a arte é a imitação das coisas sensíveis ou dos acontecimentos que se desenrolam no mundo sensível, constituindo, antes, a recusa de ultrapassar a aparência sensível em direção à realidade e aos valores. (ABBAGNANO, 2007, p.367).

Sabe-se que a corrente do platonismo possui grandes críticas referentes as artes na história da filosofia, na qual as considera em sua maioria, meras cópias do mundo real, relegadas ao mundo sensível, que para Platão, é duvidoso e desprovido de um conhecimento verdadeiro. Entretanto, o que se desconsidera em relação a esta ideia, é que Platão não negava por completo as linguagens artísticas como muitos defendem ou imaginam. Na verdade, ele tecia suas críticas salientando a forma como “algumas concepções” ligadas à arte eram banalizadas, evidenciando desacordos que, para ele, não possuíam relevância para os valores morais e políticos da sociedade da época.

Em vista disso, se a arte não estiver de acordo com princípios sociais do belo, da ética, do bom, do conhecimento intelectual, por exemplo, essa não possui função alguma para a sociedade. Como sabemos, Platão era discípulo de Sócrates e foi grandemente influenciado por este. Então, a arte para ele, assim como para o seu mestre, necessita possuir funções que traga alguma utilidade concreta e específica para os indivíduos, servindo como meio para certos fins. No livro III de “A República” (370, a.C.), considerado

3 No platonismo, *Mimésis* é um termo utilizado para diferenciar a arte com princípios técnicos úteis da arte compreendida como imitação. A *Mimésis* era considerada por Platão apenas uma imitação das coisas reais. Diante disso, se reduzia a uma mera cópia e não possuía nenhuma utilidade objetiva para os valores morais da sociedade, sendo destituída de qualquer conhecimento considerado verdadeiro por ele.

um dos primeiros e mais conhecidos diálogos de Platão, ele exemplifica de que maneira e qual modelo de arte deveria fazer parte da educação dos jovens da sociedade ateniense.

Sócrates – [...] Devemos, no entanto, é buscar aqueles dentre os artistas, cuja boa natureza, habilitou a seguir os vestígios da natureza do belo e do perfeito, a fim de que os jovens, tal como os habitantes de um lugar saudável, tirem proveito de tudo, de onde quer que algo lhes impressione os olhos ou os ouvidos, procedente de obras belas, como uma brisa salutar de regiões sadias, que logo desde a infância, insensivelmente, os tenha levado a imitar, a apreciar e a estar de harmonia com a razão formosa?

Glauco - Seria essa, de longe, a melhor educação.

Sócrates - Não é, então, por este motivo, ó Glauco, que a educação pela música é capital, porque o ritmo e a harmonia penetram mais fundo na alma e afetam-na mais fortemente, trazendo consigo a perfeição e tornando aquela perfeita, se tiver sido educado? [...] (PLATÃO, 2012, p.89).

Partindo desse pressuposto, a música é tida como um dos exemplos perfeitos de arte pelo fato de alcançar o ser em essência, na alma, e não nas aparências. Dessa maneira, deveria fazer parte da educação e orientar os valores morais dos indivíduos. Bem como a música, os artesãos e marceneiros também aparecem na qualidade de artes e artistas em “A República” de Platão, porque segundo ele, estes não reproduzem cópias ou imitações das coisas, mas sim o oposto, constroem suas artes nas formas perfeitas e pensando na utilidade que elas terão, de modo que a fabricação de seus móveis e demais produções são provenientes das criações naturais realizadas por Deus. Isto é, produzem a partir da realidade natural e não das imitações de coisas existentes nela. Portanto, para Platão, estas são as categorias das artes e de artistas que deveriam fazer parte da sociedade e da educação dos sujeitos.

Observa-se que a concepção de arte para Platão assim como para Sócrates se sedimenta em propriedades quase que exclusivamente objetivas, devendo ser produzida unicamente para cumprir funções e nortear valores que levem em consideração os aspectos políticos e sociais na lógica inteligível de seu desenvolvimento. É possível notar uma concepção de pensamento com noções práticas, ao passo que as linguagens artísticas e a estética da arte são compreendidas como ofícios sociais, possuindo algumas diferenças de particularidades subjetivas que contemplam suas dimensões hoje.

Assim sendo, se o princípio estético da arte se concentra substancialmente nas aparências para Platão, não acontecerá a mesma coisa com a estética do belo, que é pensada puramente por intermédio das essências por ele, mesmo havendo destaques para alguns aspectos aparentes em muitas de suas reflexões. Tal qual já ressaltado, estes dois fundamentos, arte (aparência) e belo (essência) são as dimensões principais da estética do platonismo, se comunicando a todo o momento com as questões da sociedade, sobretudo dos valores e das normas que fazem ou deveriam fazer parte dela. Por essa ênfase nas vertentes sociais, Bayer (1993, p.37) certifica que há sustentações de que a metafísica

de Platão é unicamente política e social, mas que deveria ser sustentada também como estética, pois “é formada pelas ideias que só pelos sentidos verificamos: no termo da dialética, por um salto, por uma espécie de intuição intelectual, temos a visão das ideias. Logo, a exerceção suprema excede o intelectual e pertence à intuição da inteligência, domínio próprio da estética”.

A intuição intelectual que faz parte do conhecimento inteligível defendido por Platão está inserida igualmente nas reflexões acerca do belo. Aliás, quando se investiga rigorosamente o desenvolvimento da estética na história humana, talvez essa seja a maior contribuição deste filósofo para o pensamento estético. A partir de estudos sobre o belo, Platão foi o responsável por ampliar os conhecimentos acerca desse campo de conhecimento, originando assim, esta que é uma das principais áreas de atuação da estética. Atualmente, as compreensões que se apresentam acerca das características do belo se voltam sempre que podem para o saber do senso comum, que as relacionam na maioria das vezes a significados de cunho material e externo dos seres e das coisas, que é definido como o campo das aparências por Platão.

Como vimos logo no início da introdução deste trabalho, a estética é amplamente pensada a partir das noções de belo. Todas as pessoas questionadas acerca do seu real significado expressaram seus entendimentos atribuindo o termo estética como princípio básico de beleza, e tal qual observado, não a qualquer beleza, mas principalmente aquela referente ao aparente, ao ostensivo físico de nosso corpo. Estes pensamentos podem ser considerados os mais comuns que se tem sobre a estética do belo hoje, mesmo com ela detendo nuances heterogêneas em sua natureza. E como qualquer outro pensamento, este também se construiu historicamente, visto que até mesmo na Grécia Antiga centenas de anos atrás, havia-se igualmente ideias que atribuíam a beleza às formas físicas e as aparências, não se relacionando somente ao corpo humano, mas bem como aos objetos aparentes e aos seres vivos em geral.

O diálogo “*Hípias Maior*” é considerado um diálogo de transição datado por volta de 390 a.C, e um dos primeiros escritos de Platão que inicia realmente suas reflexões acerca do belo. É a obra que vai nortear este estudo acerca da concepção de belo deste filósofo. Vários fragmentos dessa obra trazem a beleza aparente como definição exata de belo por meio da discussão reflexiva entre os dois personagens centrais dela, que são: O filósofo Sócrates e Hípias, que era um popular sofista da época. Na obra, há ininterruptas tentativas de se definir rigorosamente o belo e tudo aquilo que possui beleza. Sócrates com sua ideia de beleza relacionada ao útil, busca suas definições na precisão e na exatidão, inicialmente corroborando com o pensamento de Hípias. Em um desses diálogos, Sócrates relembra a Hípias de um episódio que ficou em apuros durante um debate, quando foi questionado por um companheiro sobre o que era o belo e quais critérios ele utilizava para rejeitar certas coisas que considerava feias e elogiar outras por considerar serem belas, afirmando que não conseguiu uma resposta satisfatória no momento do questionamento. Dessa forma,

Sócrates faz a mesma pergunta a Hípias:

[...] **Sócrates** – Mas presta atenção, amigo! Ele não te perguntou o que é belo, porém o que é o belo.

Hípias – Compreendo, bom homem, e vou responder o que seja o belo, de forma que não possa refutar-me. Fica, então, sabendo, Sócrates, para dizer-te toda a verdade, o que é belo é uma bela jovem [...]. (PLATÃO, 1980, p.6-7).

Ao dizer que o belo se caracteriza por meio de uma bela jovem, o pensamento de Hípias não se difere de muitas das diversas noções sobre a estética e sobre o belo que se tem atualmente na nossa sociedade por grande parte dos indivíduos. Ainda que Platão deixe bem claro tanto nesta obra, bem como em outras que o belo e as coisas que podem ser consideradas belas não se fundamentam e muito menos se constituem nesta forma concreta, material e corpórea de seres e objetos, ele nos apresenta os limites e as contradições dessa perspectiva de pensamento em determinadas passagens de *“Hípias Maior”*. E na medida em que essas contradições são exemplificadas, Platão se contrapõe a elas deixando claro que antes do belo se constituir em aparência, ele possui essências, ideias e abstrações que estão para além das características físicas dos sujeitos e das coisas.

Sócrates – Com relação a todo o corpo, também, não dizemos que este é belo para correr e aquele para lutar, e de igual modo procedemos com os animais, pois damos o nome de belo ao cavalo, ao galo, à codorniz, como a todos os vasos e veículos, ou terrestres ou marítimos, navios marcantes e trirremes, bem como a todos os instrumentos, ou sejam de música ou das demais artes, e caso queiras, também, as ocupações e instituições: a todos damos o nome de belo, de acordo com o mesmo princípio, considerando como cada um se originou ou foi feito ou se encontra [...]. (PLATÃO, 1980, p.13).

Pode-se perceber que a concepção Platônica não considera o belo restrito a um único campo ou área específica, muito pelo contrário, o belo se configura na forma como se apresenta, se comunica, dispondo de significados amplos na medida em que orienta seus próprios princípios. Ou seja, o belo não se manifesta, por exemplo, em um único corpo porque antes desse corpo ser matéria e aparência, ele existe em natureza e espírito. Então, ao passo que todos os outros corpos são formados dessa maneira, o belo se faz presente neles de semelhante forma, independente de qualquer concepção. O belo nesse sentido contempla valores universais para Platão, ainda que cada objeto e indivíduo disponham de suas próprias particularidades, se conservando as aparências de início, mas antes de tudo, corpos e objetos são constituídos por suas essências e pela maneira que existem.

Embora considerada uma obra com o final em aberto, porque Sócrates e Hípias não chegam a uma conclusão concreta e precisa acerca do conceito de belo, *“Hípias Maior”* traz elementos que deixam explícito o pensamento Platônico sobre essa dimensão da estética. Em muitas passagens dessa escritura, Sócrates e Hípias discordam sobre determinadas ideias e reflexões não somente acerca do belo, mas a respeito de outras questões que

envolvem os fundamentos estéticos, bem como os da sociedade em geral. Entretanto, é nas convergências de pensamentos desses dois personagens principais que Platão evidencia sua ideia a respeito da beleza. Tal qual já salientado, uma das características principais desta obra de Platão é a forma como ele inicialmente exemplifica o belo por meio das aparências, e, por conseguinte, se contrapõe a elas indicando elementos de sua essência e natureza. No diálogo abaixo, verifica-se que Sócrates denomina o belo a partir do prazer que apreendemos pelo olhar e pela escuta, e apesar de citar a beleza do corpo e das coisas, ao destacar a música, a poesia, a pintura, entre outras dimensões artísticas, compreende-se que o prazer proporcionado pelo belo é também aquele que nos toca, que nos apetece, que nos agrada e contempla tanto no campo sensível, como no campo inteligível.

Sócrates – [...] se denominássemos belo o que nos proporciona prazer, isto é, não toda espécie de prazer, mas apenas os que alcançamos pela vista e pelo ouvido, de que modo poderíamos defender-nos? É fora de dúvida Hípias, que os belos homens, as coisas variegadas, os trabalhos de pintura e escultura nos são agradáveis à vista, quando belos, como também se dá com os belos sons, a música em todas as suas manifestações, os discursos e a poesia [...].

Hípias – Eu, pelo menos, Sócrates, sou de opinião que desta vez o belo foi muito bem definido. (PLATÃO, 1980, p.15).

Bayer (1993) enfatiza que conforme Platão delimita o domínio do belo ao que é agradável aos sentidos dos ouvidos e da vista, recusa as demais faculdades dos indivíduos. Porém, apesar dessa concepção ainda levantar essa espécie de crítica, é possível pensar que assim como o olhar, os ouvidos são heterogêneos, e um prazer não se diferencia um do outro enquanto prazer, logo, a causa do belo não se sedimenta nem no ouvido e nem na vista, mas conforme Bayer: em “algures”. Portanto, o belo em “*Hípias Maior*” não apresenta restrições, ao contrário, se mostra despido, agradável e vantajoso, o que pode ser identificado nas obras posteriores a ela como, por exemplo, “*Fedro*” datada por volta de 370 a.C. e que é tida como uma síntese desse pensamento primeiro a respeito da natureza da estética e do belo na filosofia de Platão.

Se as contribuições de Platão para estética são fundamentadas predominantemente a partir da natureza de dois elementos principais como vimos, o da arte e o do belo, as contribuições de Aristóteles (384 a.C – 322 a.C.) para essa tendência filosófica faz o caminho inverso e apresenta-se a partir de perspectivas múltiplas que referenciam diversas áreas do conhecimento. Sabe-se que Aristóteles foi o discípulo mais famoso de Platão e do mesmo modo que seu mestre, foi um dos filósofos gregos que mais realizou reflexões e discussões sobre o pensamento estético, e talvez tenha sido aquele que em maior grau diversificou suas dimensões e concepções.

Em Aristóteles, a estética iniciou um percurso de desenvolvimento extremamente abrangente. A estética aristotélica emprega-se tal como a platônica, nas reflexões acerca da arte e do belo, porém, com grandes diferenciações nas definições dos princípios da sua

natureza e de seus significados. Para, além disso, diferentemente de Platão, Aristóteles foi um dos maiores responsáveis por promover a interdisciplinaridade da estética, ao passo que não atribui apenas componentes exclusivos do mundo inteligível em seu conhecimento, mas também do mundo sensível, destacando a importância de inúmeras propriedades da filosofia da arte, como a poesia, a literatura, o teatro, a música, a percepção, imaginação, intuição, formas, harmonias, dentre tantas outras dimensões estéticas que conhecemos hoje.

A filosofia Aristotélica compreende que existem diversas maneiras de se conhecer determinada coisa ou indivíduo. Para este filósofo, o conhecimento é caracterizado por níveis e à medida que os sujeitos internalizam certos saberes e informações desses níveis, suas linguagens gnosiológicas e ontológicas vão se desenvolvendo, formando abstrações e enriquecendo as várias formas de se adquirir conhecimentos. Por isso que diferentemente de Platão, Aristóteles não rejeita o mundo das ideias, o mundo sensível, mas sim, os integra ao mundo inteligível. De acordo com Chauí (2000),

Aristóteles distingue sete formas ou graus de conhecimento: sensação, percepção, imaginação, memória, raciocínio e intuição. Para ele, ao contrário de Platão, nosso conhecimento vai sendo formado e enriquecido por acumulação das informações trazidas por todos os graus, de modo que, em lugar de uma ruptura entre o conhecimento sensível e o intelectual, Aristóteles estabelece uma continuidade entre eles. (CHAUI, 2000, p.140).

À vista disso, a estética de Aristóteles concebe cada grau sistemático desses conhecimentos citados acima, e a divisão dualista entre dois mundos, o sensível e o inteligível como concebe a filosofia Platônica, é inexistente em seu conceito de estética. Visto que a filosofia Aristotélica parte do pressuposto que existem possibilidades dos seres humanos vivenciarem experiências tanto no campo da sensibilidade, da essência, do espírito, bem como no campo das ideias e do inteligível, este filósofo compreende que as determinações, deliberações e demais questões político-sociais dos seres, ocorrem a partir das relações entre si e com a natureza. Portanto, será a partir desta perspectiva que para Aristóteles, nós detemos o conhecimento e informações. As nossas apreensões sucedem-se inicialmente através de nossos sentidos particulares, a partir de nossas percepções sensíveis e de tudo que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, sendo com base nesta premissa que vamos alcançar e desenvolver nossos conhecimentos considerados racionais.

Diante disso, as ações humanas na sociedade são um campo específico que orientam fundamentalmente a concepção da estética Aristotélica. Tanto a arte como o belo são responsáveis por desenvolver experiências estéticas nos seres. Pelo fato de conceber a sensibilidade em suas reflexões, Aristóteles entende que a percepção que os sujeitos possuem dos elementos presentes na natureza são demasiadas importantes para o processo de criação, de ação e das relações que eles manifestam. Bayer (1993, p.47)

ênfatiza que, “Para Aristóteles, a ideia não tem existência em si, é abstraída por nós. O que é importante é a realidade. Para a conhecer, é preciso poder reduzi-la às suas causas, e a pesquisa causal é para ele a verdadeira ciência.”

A concepção estética Aristotélica se configura em dois fundamentos principais: arte e belo. Entretanto, como já explicitado anteriormente, ao contrário de Platão que possui conceitos tidos como restritos em relação à natureza desses dois elementos, eles não se constituem da mesma maneira em Aristóteles, ao passo que possuem significados muito mais abrangentes. Na obra “*Poética*” datada por volta de 335 a.C. – 323 a.C., Aristóteles discute acerca das funções e características que a arte e o belo apresentam para os valores e normas da sociedade, bem como para os indivíduos. Enquanto Platão considerava pouquíssimas dimensões da arte como relevantes, em que por meio da “*Mimésis*” como já vimos, as definia como imitação daquilo que já existe na sociedade, Aristóteles resgata tal ideia, todavia, emprega valores muito mais amplos e subjetivos a sua funcionalidade. De acordo com Abbagnano (2007), ao mesmo tempo que Aristóteles retoma e adota a teoria da arte como uma imitação, ele atribuiu a noção da “*Catarse*” à sua essência.

Na “*catarse*” de Aristóteles, as artes não se limitam somente a uma mera imitação da realidade tal qual na “*Mimésis*” condenada por Platão. Muito pelo contrário, se constituem em um elemento central com fins sociais, culturais, políticos e integra práticas significativas que visam transformações e até mesmo a “purificação espiritual” daqueles que são introduzidos ao contato com elas, como explicita a filosofia aristotélica. Um dos grandes exemplos de “*Catarse*” é a música. Conforme Chauí (2000, p.414), “A música não deve ser praticada por um só tipo de benefício que dela pode derivar, mas por usos múltiplos, já que pode servir para a educação, para proporcionar a catarse e, em terceiro lugar, para o repouso da alma e a suspensão de suas fadigas”.

Assim sendo, as artes se apresentam por meio de concepções educativas e pedagógicas, de modo que quando vivenciamos e contemplamos as mais diversas formas e expressões artísticas, não compreendemos unicamente o mundo inteligível, o exterior, a imagem ou a “*Mimésis*”, porém, somos levados a enxergar, a sentir, a ouvir, a falar, a perceber e a refletir acerca de suas múltiplas possibilidades e manifestações que, por sua vez, traduzem e representam realidades, indivíduos e contextos. Outra característica interessante que representa a estética da arte aristotélica é a linguagem teatral. O teatro exemplifica na prática o que Aristóteles pretende quando se contrapôs às ideias de seu mestre Platão. Aristóteles entende que quando lemos enredos, visualizamos situações, histórias e sofrimentos de certos personagens, ao passo que nos colocamos no lugar deles, torcemos, rimos e sofremos juntos, entrando em contato com uma experiência estética que nos possibilita ampliar nosso olhar para toda a diversidade que opera a natureza humana.

Se as artes abrangem territórios interdisciplinares na filosofia da estética de Aristóteles, o belo se associa indubitavelmente a elas. A beleza na concepção de Aristóteles se faz presente no perceptível, naquilo que contemplamos e se especifica pelo despertar

dos nossos sentidos diante dos objetos que fazem parte da nossa realidade. Uma das ideias centrais que permeia o conceito de beleza em Aristóteles é a de “Belo Formal” que, segundo Abbagnano (2007, p.367), “consiste na ordem, na simetria e numa grandeza que se preste a ser facilmente abarcada pela visão em seu conjunto”. Em vista disso, a harmonia e suas formas perfeitas produzem no ser humano a “*Catarse*”, fazendo com que a beleza seja apreciada na presença de inúmeros pontos de vista, principalmente a partir daquilo que causa sensações agradáveis aos seres humanos.

O belo e a arte, categorias que representam a natureza da estética, traduzem a beleza não somente dos objetos, mas também dos seres. Contudo, não é qualquer beleza, mas a beleza formal, que de acordo com Bayer (1993, p. 52-53), “[...] é o que é final: saúde, força, grandeza, etc; a saúde terá o primeiro lugar”. Portanto, para Aristóteles arte e belo se convergem, despertando os sentidos dos sujeitos, suas boas ações, momentos de felicidades, de prazeres, dentre muitas outras contemplações da vida.

Como podemos verificar, na Grécia Antiga as relações dos indivíduos com a natureza constituíram o despertar de suas sensações e percepções. Os princípios estéticos para os gregos estiveram quase sempre associados às reflexões filosóficas e a história da arte e do belo, e com o passar dos anos foram ganhando elementos artísticos da cultura, da literatura, da poesia, do teatro, da música, entre muitas outras dimensões que a estética permeia.

4 | CONCLUSÃO

O desenvolvimento da estética na história humana possibilitou que esta tendência adquirisse diversas linguagens. A partir das transformações que se sucederam em sua natureza ao longo do tempo, a estética adquiriu conceitos múltiplos, empregando-se de saberes que se concentram tanto em princípios da sensibilidade, bem como de aspectos inteligíveis. A partir do momento que a estética incorpora uma diversidade de princípios, principalmente aqueles que se direcionam na formação integral dos sujeitos, essa concepção filosófica proporciona práticas formativas essenciais para a sociedade.

Como foi salientado, a estética possui infinitas diversidades de conceitos e estes são inerentes a tudo que permeia nosso meio. A nossa própria existência e a maneira com que nos relacionamos em sociedade, além de ser uma relação de educação e trabalho como sabemos, é também uma relação estética, pois estamos rodeados de fenômenos sociais e interagimos a todo o momento com eles. As situações vivenciadas, as percepções e prazeres obtidos, as relações estabelecidas, estão intimamente relacionadas ao nosso caráter sensível e estético, como já salientaram os gregos na antiguidade.

O desenvolvimento das espécies, as primeiras criações de objetos e modelos de organizações sociais, econômicas e culturais no período pré-histórico, despertaram os instintos dos indivíduos primitivos, e tivemos a partir disso, as primeiras transformações

e progressos da humanidade durante este período. Como vimos, transformações essas, que inicialmente ocorreram por meio de um saber que ainda era instintivo, ou como caracterizaram os gregos posteriormente: um conhecimento que era sensível. Sensível a uma ação estética.

Por conseguinte, compreendemos que Platão e Aristóteles estão entre os pensadores mais influentes acerca das reflexões e discussões no que se refere as concepções filosóficas acerca da estética e suas origens, contribuindo significativamente para expandir e consolidar importantes dimensões da estética, como: a da arte, do belo, da percepção, sensibilidade e tudo que envolve os elementos de estudo que envolveram a estética na Grécia Antiga e que ainda se fazem presente até os dias atuais.

Portanto, conclui-se que não há como entender, discutir ou refletir sobre o desenvolvimento da estética na história da humanidade sem levar em conta pelo menos dois momentos que são considerados importantes nesse processo. O primeiro trata-se do sentimento estético despertado na pré-história, em que por meio de um conhecimento considerado ainda instintivo, os sujeitos começaram a buscar meios para se adaptar as mudanças sofridas na época. O segundo momento diz respeito ao surgimento das noções estéticas que foram estabelecidas pelos gregos na antiguidade e consolidadas a posteriori. As concepções filosóficas advindas da Grécia Antiga originaram as dimensões estéticas do belo, da arte, do conhecimento sensível, entre outras, e influenciaram e influenciam estudos no mundo todo sobre a estética.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. ALETA, Luiza Siciliano. MOURA, Maria Bernadete. **Fazendo a história: da pré-história ao mundo feudal**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

BAYER, Raymond. **A história da estética**. 4ª ed. Lisboa: Estampa, 1993.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Vol. 16. Portugal: Revista portuguesa de educação, 2003. p.221-236.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos e filosóficos**. In: FROMM, E. O conceito marxista de homem. Tradução de T. B. Bottomore. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1962. p. 91-179.

PLATÃO. **A República**. Organização: Daniel Alves Machado. Brasília: Editora Kiron, 2012.

PLATÃO. **Hípias Maior**. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 1980.

PONTY, Maurice Merleau. **O olho e o espírito**. Título original: L'Oeil et l'esprit Tradução: Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. Prefácio: Claude Lefort. Posfácio: Alberto Tassinari. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

REIS, José Carlos. **A história entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Ática, 1996.

SILVA, Ivys de Alcântara. **Composições estéticas entre Schiller e Nietzsche sobre a formação humana**: contribuições à prática educativa. Dissertação (Mestre em Educação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação, Belém, 2017.